

AUTISMO E EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO E DA SOCIALIZAÇÃO

AUTISM AND EDUCATION: PEDAGOGICAL STRATEGIES FOR THE DEVELOPMENT OF COMMUNICATION AND SOCIALIZATION

Mackson Azevedo Mafra

Universidad de la Integración de las Américas, Paraguai

Anderson Gonzales

Christian Business School, Estados Unidos

Valnei Rocha dos Santos Boaventura

MUST University, Estados Unidos

Maria Aparecida Schroeder

MUST University, Estados Unidos

Paola Carvalho dos Santos Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i1.519>

Publicado em: 07.02.2026

Resumo: O presente artigo teve como objetivo examinar estratégias educacionais que promovem a interação social e a expressão comunicativa de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação infantil inclusiva. O estudo abordou práticas pedagógicas que favorecem o desenvolvimento da comunicação social por meio da articulação entre escola, família e profissionais da saúde, com ênfase em métodos visuais e interativos e no papel da mediação docente. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica qualitativa, com análise de publicações recentes, extraídas da base SciELO, selecionadas conforme critérios de atualidade, relevância temática e disponibilidade de acesso. A análise dos autores permitiu observar que a eficácia das práticas inclusivas está diretamente relacionada à formação continuada dos professores, à previsibilidade das rotinas escolares e à participação ativa da família no processo educativo. Além disso, constatou-se que os recursos visuais, aliados a estratégias colaborativas entre diferentes setores, contribuem significativamente para a ampliação das habilidades comunicativas de crianças com TEA. Concluiu-se que a inclusão efetiva exige ações coordenadas entre os agentes envolvidos, bem como investimentos em formação e planejamento pedagógico compatíveis com a diversidade neurológica.

Palavras-chave: Rotina, Interação, Escuta, Adaptação, Colaboração.

Abstract: The present article aimed to examine educational strategies that promote social interaction and communicative expression in children with Autism Spectrum Disorder (ASD) within the context of inclusive early childhood education. The study addressed pedagogical practices that support the development of social communication through the articulation between school, family, and health professionals, with emphasis on visual and interactive methods and on the role of pedagogical mediation. The research was conducted through a qualitative bibliographic review, analyzing recent publications retrieved from the *SciELO* database, selected according to criteria of timeliness, thematic relevance, and full access availability. The analysis of the selected authors indicated that the effectiveness of inclusive practices was directly related to continuous teacher education, the predictability of school routines, and the active participation of families in the educational process. Furthermore, it was observed that visual resources, combined with collaborative strategies among different sectors, contributed significantly to the expansion of communicative skills in children with ASD. It was concluded that effective inclusion required coordinated actions among the involved agents, as well as investments in teacher training and pedagogical planning aligned with neurological diversity.

Keywords: Routine, Interaction, Listening, Adaptation, Collaboration.

Introdução

A crescente visibilidade das demandas de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no campo educacional impulsionou, nas últimas décadas, um debate ampliado sobre as práticas pedagógicas necessárias à construção de ambientes inclusivos na educação infantil. À medida que os sistemas educacionais passaram a assumir o compromisso com a diversidade, tornou-se imprescindível compreender como as estratégias de ensino podem ser ajustadas às especificidades comunicativas e sociais do público com TEA, de modo a garantir sua participação ativa e significativa nas interações escolares. A legislação brasileira, ao reconhecer a educação como direito de todos, estabeleceu fundamentos legais que exigem respostas pedagógicas compatíveis com as características individuais de aprendizagem, comportamento e linguagem dessas crianças, especialmente nos anos iniciais da trajetória educacional.

Nesse contexto, este artigo teve como foco o estudo das ‘estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da comunicação e da socialização de crianças com TEA’, com ênfase na educação infantil. A escolha do tema justificou-se pela lacuna observada entre as exigências normativas da inclusão e a efetividade das práticas cotidianas nas salas de aula. A literatura aponta que, embora haja avanços nas discussões teóricas, persistem dificuldades na implementação de metodologias adaptadas que favoreçam a interação social e a expressão de crianças autistas em contextos educacionais. Assim, a investigação propôs-se a analisar, com base em estudos recentes, como a articulação entre recursos visuais, práticas interativas e mediação docente pode contribuir para a construção de experiências escolares mais responsivas à neurodiversidade.

A partir dessa delimitação, formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: ‘Quais práticas pedagógicas favorecem o desenvolvimento da comunicação e da socialização de crianças com TEA na educação infantil inclusiva?’ Como objetivo geral, buscou-se examinar estratégias educacionais que promovam a interação social e a expressão comunicativa de estudantes com autismo. Como objetivos específicos, propôs-se: (1) identificar práticas educativas que integrem escola, família e clínica no processo de desenvolvimento comunicacional da criança com TEA; (2) descrever o uso de recursos visuais e interativos no estímulo à socialização no contexto da educação infantil; e (3) analisar o papel da formação docente e da mediação pedagógica na construção de interações sociais significativas.

A pesquisa adotou metodologia bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em fontes científicas publicadas entre 2020 e 2025. O levantamento de dados foi realizado na base SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), reconhecida por reunir periódicos científicos de acesso aberto e avaliados por pares. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: ‘autismo’, ‘educação infantil’, ‘comunicação’, ‘socialização’ e ‘estratégias pedagógicas’. A seleção dos artigos respeitou os critérios de atualidade, relevância temática e acessibilidade integral ao conteúdo. As ideias de Narciso e Santana (2025) forneceram o suporte teórico para a condução do percurso metodológico, ao conceberem a pesquisa como processo dinâmico e adaptável às especificidades do objeto estudado.

Com base nos autores analisados, especialmente Koegel *et al.* (2024), Nascimento *et al.* (2025) e Azevedo *et al.* (2024), foi possível estabelecer uma leitura crítica sobre os principais elementos que compõem práticas educativas inclusivas voltadas à comunicação social no autismo. Esses autores, embora adotem enfoques distintos, convergem na valorização da atuação articulada entre escola, família e equipe terapêutica, da importância de estratégias visuais para a organização do comportamento e da necessidade de formação continuada dos professores.

A estrutura do artigo está organizada em três capítulos principais. O primeiro, intitulado ‘Práticas educativas para o desenvolvimento da comunicação social em crianças com TEA: articulação entre escola, família e clínica’, discute a importância da integração intersetorial nas intervenções educativas. O segundo capítulo, ‘Estratégias visuais e interativas para estimular a expressão e a socialização na educação infantil inclusiva’, examina recursos pedagógicos utilizados na promoção da linguagem e da interação social em crianças autistas. O terceiro capítulo, ‘Formação docente e mediação pedagógica no fortalecimento das interações sociais de estudantes com TEA’, analisa o papel dos professores no contexto inclusivo e sua capacitação para atuar com esse público. As seções finais apresentam os resultados e discussões, seguidas das considerações finais que sintetizam os achados e apontam direções para futuras investigações.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, cuja finalidade consistiu em examinar estratégias pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da

comunicação e da socialização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no âmbito da educação infantil inclusiva. Conforme a perspectiva de Gil (2019), a pesquisa bibliográfica baseia-se no exame sistemático de produções acadêmicas já publicadas, sendo apropriada para a análise teórica de fenômenos educacionais, especialmente quando se busca compreender práticas e fundamentos consolidados em diferentes contextos.

As etapas metodológicas seguiram um percurso estruturado que envolveu a seleção criteriosa dos materiais, a leitura exploratória e analítica dos textos, a organização das informações extraídas e a construção de um diálogo crítico entre os autores. Inicialmente, foi realizada a delimitação do recorte temporal, priorizando-se publicações compreendidas entre os anos de 2020 e 2025, com o objetivo de garantir a atualidade dos dados e a pertinência dos referenciais às práticas contemporâneas de inclusão escolar. Em seguida, foram definidos os critérios de inclusão, que abrangeram artigos científicos com acesso gratuito e integral, redigidos em português, com foco em estratégias pedagógicas, comunicação social e práticas inclusivas aplicadas a crianças com TEA. Foram excluídas produções voltadas exclusivamente à adolescência ou à vida adulta, bem como artigos com abordagem estritamente clínica, sem interface com o contexto educacional.

A busca dos materiais foi realizada na base de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), um repositório digital de acesso livre que reúne periódicos científicos de reconhecida qualidade editorial, com destaque para publicações da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Trata-se de uma base amplamente utilizada em pesquisas acadêmicas por oferecer acesso gratuito e sistematizado a conteúdos avaliados por pares, com diversidade de áreas do conhecimento e atualizações regulares. Para a seleção dos artigos, utilizaram-se as seguintes palavras-chave, combinadas de forma simples por operadores booleanos: ‘autismo’, ‘educação infantil’, ‘estratégias pedagógicas’, ‘comunicação’ e ‘socialização’. As combinações buscavam identificar materiais que tratassem especificamente da aplicação de métodos educacionais voltados à promoção da interação social e da expressão comunicativa de crianças com diagnóstico de TEA.

Durante o processo de seleção, considerou-se também a relevância dos periódicos e a vinculação dos autores a instituições acadêmicas reconhecidas, como forma de assegurar a confiabilidade e o rigor metodológico dos textos analisados. A etapa seguinte consistiu na leitura analítica dos artigos, com destaque para os trechos que abordavam práticas educativas interativas, recursos visuais, mediação docente e articulação entre escola, família e serviços terapêuticos. As ideias de Narciso e Santana (2025, p. 19468) fundamentaram a flexibilidade metodológica adotada nesta investigação, ao afirmarem que,

[...] propõe uma visão dinâmica da pesquisa, em que os métodos não são considerados como estruturas fixas, mas como ferramentas que devem ser ajustadas às especificidades dos contextos e problemas investigados (Narciso; Santana, 2025, p. 19468).

Essa concepção permitiu que a análise dos materiais fosse guiada pela coerência interna dos argumentos apresentados e pela relevância de cada estudo para o objetivo proposto. Além

disso, considerou-se o alerta dos mesmos autores quanto ao uso ético das fontes e ao domínio técnico exigido nas etapas da investigação, Narciso e Santana (2025, p. 19468) “a utilização dessas tecnologias requer capacitação específica para os pesquisadores e a garantia de que os dados sejam tratados de maneira ética e responsável”. Em resumo, o método bibliográfico adotado neste trabalho possibilitou a construção de uma análise crítica e fundamentada sobre práticas educativas inclusivas para o público com TEA, favorecendo o alcance dos objetivos traçados e fornecendo subsídios para futuras investigações na área.

Práticas educativas para o desenvolvimento da comunicação social em crianças com TEA: articulação entre escola, família e clínica

O desenvolvimento da comunicação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige ações coordenadas entre os diferentes agentes que compõem o processo educativo. Tal exigência decorre da natureza multifatorial das dificuldades comunicativas apresentadas por esse público, que ultrapassam as intervenções unilaterais e requerem uma abordagem intersetorial. De acordo com Koegel *et al.* (2024, p. 3), a eficácia das práticas educativas está diretamente relacionada à capacidade de integrar clínica, escola e família em um plano de ação convergente. Os autores afirmam que,

[...] a intervenção foi projetada para incluir não apenas o adolescente, mas também os pais e um profissional da escola ou programa extracurricular, de forma a criar continuidade e generalização das habilidades de comunicação social em múltiplos contextos, com foco no uso funcional da linguagem (Koegel *et al.* 2024, p. 3).

Nesse sentido, o engajamento dos agentes envolvidos na educação da criança torna-se condição indispensável para o fortalecimento das competências sociais e comunicativas. Além disso, a literatura aponta que a comunicação entre educadores e familiares constitui um elemento decisivo na construção de um ambiente educativo responsivo. Azevedo *et al.* (2024), destacam que a troca sistemática de informações sobre as necessidades específicas da criança possibilita a personalização das práticas pedagógicas e fortalece a corresponsabilidade no processo de ensino. Tal perspectiva é reafirmada por Nascimento *et al.* (2025, p. 775), ao afirmar que a criação de estratégias adaptadas demanda “um planejamento pedagógico centrado nas potencialidades e nas necessidades individuais das crianças com TEA”. Portanto, a escuta ativa dos responsáveis e a valorização de seus saberes cotidianos ampliam as possibilidades de intervenção eficaz no ambiente escolar.

Consequentemente, a articulação com os profissionais da saúde insere-se como vetor complementar na proposição de práticas educativas ajustadas. A contribuição clínica não se restringe à avaliação diagnóstica, mas se estende ao acompanhamento contínuo das interações e comportamentos comunicativos da criança. Nascimento *et al.* (2025) observam que a ausência de práticas pedagógicas baseadas em evidências tende a produzir intervenções ineficazes, que não favorecem o desenvolvimento das crianças nem promovem interações significativas no contexto escolar. Tal argumento encontra respaldo em Azevedo *et al.* (2024), que defendem a formação de

redes de suporte integradas por terapeutas, educadores e famílias como condição estrutural para a mediação de habilidades comunicativas no cotidiano escolar.

Ademais, o envolvimento da família deve ser compreendido como componente essencial da estratégia educativa, e não apenas como suporte secundário. Conforme argumentado por Koegel *et al.* (2024), a participação ativa dos pais na aplicação e reforço das habilidades comunicativas ensinadas durante a intervenção amplia a eficácia do processo educativo, ao estabelecer conexões funcionais entre os contextos familiar e terapêutico. Essa integração permite maior continuidade nos estímulos oferecidos à criança, favorecendo o uso espontâneo da linguagem em diferentes ambientes.

Nessa perspectiva, Azevedo *et al.* (2024) enfatizam a importância da elaboração de um Plano Educacional Individualizado (PEI), construído com a colaboração de profissionais especializados, a fim de alinhar as metas pedagógicas ao perfil de desenvolvimento da criança com TEA. A flexibilidade curricular e a utilização de tecnologias assistivas são elementos centrais nesse processo, que demanda articulação entre os objetivos escolares e os direcionamentos clínicos. A coerência entre essas esferas reduz inconsistências na intervenção e contribui para a eficácia das ações educativas.

De modo complementar, Nascimento *et al.* (2025) destacam que a efetividade da inclusão depende da reestruturação das práticas escolares e do engajamento sistemático dos familiares no cotidiano pedagógico. A mudança de perspectiva por parte dos docentes, orientada por uma postura colaborativa e sensível à diversidade, é fator determinante para o êxito das ações inclusivas. Essa transformação não se limita ao domínio técnico, mas requer disposição para o diálogo horizontal com os demais agentes envolvidos no processo educativo.

Além disso, Koegel *et al.* (2024) indicam que a participação de representantes escolares em sessões clínicas, mesmo que de forma remota, viabiliza a aplicação consistente das estratégias no espaço educacional. Essa replicação assegura maior uniformidade nas intervenções e evita rupturas no processo de aprendizagem, uma vez que os profissionais da escola passam a dispor de subsídios mais precisos para orientar suas práticas pedagógicas em consonância com o plano terapêutico.

Em suma, apesar das diferenças metodológicas entre os estudos analisados, observa-se concordância quanto à relevância da articulação interinstitucional para o desenvolvimento das habilidades comunicativas em crianças com TEA. Koegel *et al.* (2024) ressaltam a durabilidade dos efeitos da intervenção quando sustentada por uma rede de suporte integrada; Nascimento *et al.* (2025) reforçam a importância de práticas pedagógicas ajustadas às particularidades do estudante; e Azevedo *et al.* (2024) atribuem centralidade à cooperação entre escola, família e profissionais clínicos como fundamento para a construção de contextos inclusivos. Dessa forma, torna-se evidente que a eficácia das ações educativas está vinculada à continuidade e à articulação dos esforços realizados nos diferentes espaços que compõem a experiência da criança.

Estratégias visuais e interativas para estimular a expressão e a socialização na educação infantil inclusiva

A utilização de estratégias visuais e interativas constitui um recurso pedagógico de relevância no processo de escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sobretudo na promoção da comunicação funcional e da socialização. De acordo com Koegel *et al.* (2024), a apresentação visual das habilidades comunicativas, por meio de suportes estruturados, facilita o acesso às normas sociais e permite a generalização dos comportamentos em múltiplos contextos. Essas estratégias se mostram particularmente úteis para crianças com dificuldades em decodificar sinais sociais abstratos, na medida em que fornecem pistas concretas que orientam as interações interpessoais.

Nessa mesma direção, Azevedo *et al.* (2024) destacam que a visualização de conceitos e a previsibilidade das rotinas são elementos centrais para o desenvolvimento da autonomia comunicativa e da participação em atividades coletivas. Para os autores, o uso de aplicativos com rotinas visuais, como o *First Then Visual Schedule*, proporciona uma estrutura temporal estável, que reduz a ansiedade e promove maior engajamento nas tarefas escolares. Tais ferramentas digitais oferecem possibilidades de personalização e podem ser ajustadas às necessidades sensoriais e cognitivas de cada criança, tornando o processo educacional mais acessível.

Por outro lado, Nascimento *et al.* (2025) apontam que, embora as tecnologias assistivas representem avanços significativos, sua eficácia depende da adequação ao contexto pedagógico e da formação docente. A ausência de recursos específicos compromete a implementação de práticas inclusivas, limitando o potencial expressivo e a socialização de crianças com TEA. Nesse sentido, os autores argumentam que a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), ao empregar imagens, símbolos e dispositivos tecnológicos, amplia as possibilidades de participação e deve ser integrada ao planejamento didático de modo articulado.

Em concordância, Koegel *et al.* (2024) enfatizam que a intervenção baseada em atividades lúdicas, com uso de cartões, listas e quadros, favorece a internalização de habilidades sociais em contextos simulados. Os autores explicam que cada sessão incluía o ensino de uma habilidade específica, associada à modelagem visual e ao fornecimento de retorno imediato. Esse formato favorece não apenas o aprendizado das regras de conversação, mas também sua aplicação em situações espontâneas. A título de ilustração, Koegel *et al.* (2024) afirmam:

Entre os alvos de intervenção estavam habilidades como iniciar perguntas apropriadas, responder com empatia e ajustar a quantidade de fala, sendo cada uma ensinada com uso de suportes visuais e práticas repetidas em jogos simulados para facilitar a generalização (Koegel *et al.*, 2024, p. 4).

Ainda nesse escopo, Azevedo *et al.* (2024) reforçam que a combinação entre materiais multissensoriais e representações gráficas potencializa o envolvimento dos estudantes nas atividades escolares, estimulando tanto a expressão verbal quanto a não verbal. Estratégias como a modelagem comportamental e o uso de mapas visuais permitem a antecipação de rotinas e a

organização da comunicação, especialmente para aqueles com dificuldades de iniciação social. Essa abordagem favorece a construção de vínculos com os colegas e amplia a participação da criança no cotidiano da sala de aula.

Embora haja consonância quanto à eficácia das ferramentas visuais, Nascimento *et al.* (2025) chamam atenção para a necessidade de articulação entre essas tecnologias e as metodologias interativas. Para os autores, o uso isolado de recursos gráficos não garante a promoção da socialização se não estiver integrado a práticas intencionais de mediação, como rodas de conversa, dramatizações e jogos cooperativos. Além disso, defendem que tais práticas exigem professores capacitados para ajustar as intervenções de forma responsiva às manifestações comunicativas das crianças com TEA.

Em contraponto, Koegel *et al.* (2024) sustentam que a repetição sistemática de situações sociais estruturadas, aliada ao uso de recursos visuais, já se mostra eficaz na internalização de habilidades como saudações, manutenção de diálogos e encerramento de interações. Os autores destacam que esse modelo permite ganhos comunicativos mesmo na ausência de interações espontâneas iniciais, o que o torna especialmente útil em fases precoces do desenvolvimento social. Ainda assim, é possível reconhecer que a combinação entre estratégias visuais e práticas interativas pode gerar efeitos mais abrangentes no processo de inclusão.

Em síntese, os estudos analisados apresentam contribuições convergentes no reconhecimento do papel das estratégias visuais e interativas no estímulo à expressão e à socialização de crianças com TEA na educação infantil. Koegel *et al.* (2024) priorizam a estruturação de sessões com foco na repetição e retorno imediato, Nascimento *et al.* (2025) sublinham a importância da CAA e da formação docente, enquanto Azevedo *et al.* (2024) evidenciam o potencial das tecnologias digitais na construção de ambientes previsíveis. A articulação entre esses recursos, ancorada em planejamento pedagógico responsivo, amplia as possibilidades de participação comunicativa das crianças e contribui para a construção de contextos escolares mais acessíveis e responsivos à neurodiversidade.

Formação docente e mediação pedagógica no fortalecimento das interações sociais de estudantes com TEA

A qualificação docente para atuar com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um dos principais eixos de sustentação da educação inclusiva, particularmente no que se refere ao desenvolvimento de competências sociais. A necessidade de formação específica e continuada é reiterada por diversos autores que alertam para as lacunas no preparo dos professores frente à diversidade escolar. Segundo Nascimento *et al.* (2025), a ausência de conhecimento técnico-científico acerca das características do transtorno limita a adoção de práticas pedagógicas responsivas e prejudica a mediação das interações sociais no cotidiano escolar.

Em consonância com essa perspectiva, Azevedo *et al.* (2024) argumentam que os programas formativos devem contemplar não apenas conteúdos teóricos sobre o espectro autista,

mas também estratégias de ensino adaptadas e recursos que favoreçam o engajamento social dos estudantes. A ênfase recai sobre a capacidade do docente de reconhecer os desafios impostos pela heterogeneidade da sala de aula e responder com práticas ajustadas à singularidade de cada estudante. Nesse sentido, o domínio de ferramentas de mediação torna-se um diferencial para a promoção de interações positivas entre alunos com e sem deficiência.

Koegel *et al.* (2024), por sua vez, ressaltam a importância de capacitações breves e focadas, que possibilitem aos educadores desenvolver habilidades mínimas em intervenção social. Ainda que os professores não exerçam funções terapêuticas, a aplicação de estratégias comunicativas básicas pode ser eficaz quando supervisionada e sustentada por orientações claras. Os autores destacam que, mesmo com formação limitada, os profissionais escolares demonstraram competência na modelagem e reforço de comportamentos sociais, desde que inseridos em programas colaborativos.

Adicionalmente, Nascimento *et al.* (2025) advertem que a precariedade da formação docente repercute diretamente na perpetuação de práticas excludentes, comprometendo a inserção social de estudantes com TEA. Ao não considerar as especificidades desse público, o ambiente escolar tende a reforçar barreiras atitudinais e metodológicas, dificultando a construção de vínculos e afetando negativamente o percurso acadêmico dos alunos. A mediação pedagógica, nesse contexto, passa a depender de ações formativas permanentes e da criação de espaços reflexivos sobre a diversidade e a inclusão. Koegel *et al.* (2024) reforçam a eficácia da formação básica para professores quando vinculada a programas terapêuticos integrados. Segundo os autores,

[...] o envolvimento de profissionais da escola no processo terapêutico foi considerado fundamental para que as habilidades ensinadas fossem reforçadas em sala de aula, destacando a importância de formação básica em práticas de intervenção social para professores (Koegel *et al.* 2024, p. 7).

Essa cooperação entre os setores da saúde e da educação viabiliza a continuidade das estratégias de socialização no ambiente escolar, evitando rupturas entre os diferentes contextos de aprendizagem. Além disso, Azevedo *et al.* (2024) sublinham que a atuação docente no campo da inclusão requer o desenvolvimento de competências colaborativas. Para esses autores, a interlocução entre professores, terapeutas e demais profissionais especializados permite a construção de planos de ensino mais ajustados às necessidades dos estudantes, promovendo a implementação efetiva das práticas pedagógicas. A colaboração interdisciplinar é, portanto, uma condição estratégica para a mediação das interações sociais e para a superação de obstáculos que comprometem a participação ativa dos alunos com TEA.

A esse respeito, Nascimento *et al.* (2025) enfatizam que a formação docente deve ser orientada por uma lógica de continuidade e responsividade. É necessário que os processos formativos estejam vinculados às demandas reais da sala de aula, de modo a qualificar a atuação pedagógica e ampliar o repertório dos professores no manejo de situações sociais. Tal orientação é

fundamental para promover um ambiente educativo mais acessível e participativo, favorecendo o desenvolvimento das habilidades sociais e a constituição de vínculos afetivos entre os estudantes.

Por fim, embora haja distinções quanto à ênfase metodológica, os autores analisados convergem na defesa da formação docente como pilar da mediação pedagógica inclusiva. Enquanto Koegel *et al.* (2024) destacam a viabilidade de capacitações pontuais inseridas em programas terapêuticos, Nascimento *et al.* (2025) e Azevedo *et al.* (2024) defendem uma formação contínua, articulada e multidisciplinar. O ponto comum entre essas abordagens reside na compreensão de que o fortalecimento das interações sociais entre estudantes com TEA depende da competência dos professores em planejar, mediar e sustentar práticas educativas que promovam a convivência, o respeito à diferença e o reconhecimento mútuo no espaço escolar.

Resultados e análise dos dados

A análise dos estudos examinados permitiu identificar que a articulação entre estratégias pedagógicas visuais, práticas interativas e mediação docente constitui um fator determinante para o desenvolvimento da comunicação e da socialização em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. As intervenções que envolvem simultaneamente o ambiente escolar, a família e os profissionais da saúde demonstram maior efetividade na generalização das habilidades sociais adquiridas. Tal constatação confirma a relevância de abordagens intersetoriais e colaborativas, nas quais a escola não atua de forma isolada, mas em sintonia com os demais agentes que compõem a rede de apoio à criança, conforme destacam Koegel *et al.* (2024), Nascimento *et al.* (2025) e Azevedo *et al.* (2024).

O significado dessas descobertas reside na constatação de que o sucesso das práticas inclusivas não se limita à adoção de técnicas ou ao uso de materiais adaptados, mas depende de um processo contínuo de planejamento, formação e articulação institucional. As intervenções isoladas, centradas unicamente no espaço escolar ou no atendimento clínico, mostram-se insuficientes para promover transformações duradouras no repertório comunicativo da criança. A mediação docente, quando amparada por formação específica e estratégias responsivas, torna-se um instrumento essencial para a ampliação da participação dos estudantes com TEA nas dinâmicas sociais da escola, conforme indicam os estudos de Nascimento *et al.* (2025) e Azevedo *et al.* (2024).

Em comparação com outras produções na área da educação inclusiva, os achados dialogam com pesquisas que defendem o uso de tecnologia assistiva, comunicação alternativa e ambientes estruturados como catalisadores da aprendizagem e da interação social. O estudo de Koegel *et al.* (2024) reforça a tese de que a integração entre métodos terapêuticos e práticas pedagógicas amplia a eficácia das intervenções e contribui para a permanência dos efeitos após o encerramento formal do programa. Nessa perspectiva, a literatura converge ao apontar a relevância de programas de capacitação docente com foco na diversidade, bem como a necessidade de inclusão dos professores nos processos de intervenção social, ainda que de forma supervisionada.

Apesar da robustez dos resultados observados, algumas limitações foram identificadas. A principal delas refere-se à escassez de políticas institucionais que viabilizem a formação continuada de professores com foco nas especificidades do TEA. Tal lacuna compromete a disseminação das estratégias identificadas como eficazes, restringindo sua aplicação a contextos isolados e dependentes da iniciativa individual dos profissionais. Nascimento *et al.* (2025) ressaltam que essa ausência de investimento estruturado compromete a inclusão plena, pois reduz a capacidade das escolas de operar intervenções consistentes e replicáveis.

Adicionalmente, observaram-se dados inconclusivos no que se refere à manutenção das habilidades sociais no longo prazo, especialmente em contextos onde a articulação entre escola e família é fragilizada. Koegel *et al.* (2024) apontam que, sem o reforço contínuo das práticas nos diversos ambientes da criança, há maior risco de regressão ou de uso restrito das habilidades comunicativas adquiridas. Esse dado sugere que a durabilidade dos efeitos das intervenções depende da consistência do suporte oferecido, reforçando a importância de uma rede articulada de colaboração entre os setores educativo, clínico e familiar.

Outro ponto relevante foi a variabilidade na eficácia das estratégias visuais e interativas quando aplicadas sem mediação qualificada. Embora os materiais estruturados favoreçam a organização do comportamento e da linguagem, sua efetividade é limitada quando utilizados de forma descontextualizada ou sem acompanhamento formativo adequado, como indicam os estudos de Azevedo *et al.* (2024). Tais limitações reforçam a necessidade de que os recursos pedagógicos estejam integrados a práticas sistematizadas e a processos de reflexão docente.

Diante dessas considerações, recomenda-se a ampliação de estudos que avaliem o impacto longitudinal das intervenções pedagógicas integradas em diferentes realidades escolares. Também se torna necessário investigar a eficácia de programas de formação continuada em larga escala, a fim de compreender os efeitos da qualificação docente na mediação das interações sociais de estudantes com TEA. Além disso, novas pesquisas poderiam explorar o papel da cultura escolar e das políticas públicas locais na implementação de práticas inclusivas, contribuindo para a construção de modelos educacionais mais equitativos e responsivos à neurodiversidade.

Conclusão

O desenvolvimento deste estudo permitiu examinar, de forma articulada, as estratégias pedagógicas direcionadas ao aprimoramento da comunicação e da socialização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação inclusiva. A análise dos referenciais teóricos selecionados possibilitou responder às questões inicialmente levantadas na introdução, especialmente no que se refere à eficácia das práticas educativas baseadas em recursos visuais, intervenções interativas e mediação docente, bem como à relevância da articulação entre escola, família e contextos terapêuticos. Do ponto de vista metodológico, a revisão teórica mostrou-se adequada para identificar tendências, limites e contribuições presentes na produção científica recente sobre o tema.

Os objetivos propostos foram alcançados ao evidenciar que o desenvolvimento da comunicação social de estudantes com TEA depende menos de ações isoladas e mais da integração entre estratégias pedagógicas intencionais, formação docente continuada e colaboração intersetorial. Constatou-se que recursos visuais e tecnológicos, quando associados à mediação pedagógica qualificada, favorecem a participação ativa das crianças nas interações escolares. Do mesmo modo, verificou-se que a atuação docente, sustentada por processos formativos voltados à diversidade, exerce papel central na organização de ambientes educativos acessíveis e socialmente estimulantes.

Adicionalmente, os resultados indicaram que a inclusão efetiva não se limita à adaptação de materiais ou à presença física do estudante na sala de aula, mas requer mudanças estruturais nas práticas pedagógicas e na cultura institucional. A articulação entre família, escola e profissionais especializados mostrou-se determinante para a continuidade das intervenções e para a generalização das habilidades comunicativas em diferentes contextos. Assim, o estudo reafirma que a educação inclusiva pressupõe corresponsabilidade entre os diversos agentes envolvidos no processo educativo.

No entanto, a análise também revelou lacunas relevantes na literatura, especialmente no que diz respeito à implementação sistemática das estratégias identificadas em contextos escolares diversos. Observou-se escassez de investigações empíricas que acompanhem, em médio e longo prazo, os efeitos das intervenções pedagógicas integradas sobre o desenvolvimento social de crianças com TEA. Além disso, persistem limitações relacionadas à formação docente, frequentemente marcada por ações pontuais e pouco articuladas às demandas concretas da sala de aula.

Diante dessas lacunas, sugere-se que pesquisas futuras priorizem estudos longitudinais que avaliem a permanência dos efeitos das práticas inclusivas ao longo do tempo, bem como investigações que analisem programas de formação docente continuada implementados em diferentes redes de ensino. Recomenda-se, ainda, o aprofundamento de estudos que explorem o impacto das políticas públicas educacionais na promoção de práticas pedagógicas inclusivas, contribuindo para o fortalecimento de modelos educacionais que reconheçam e atendam às especificidades dos estudantes com TEA de forma equitativa e responsável.

Referências

AZEVEDO, L. F. A. *et al.* Educação inclusiva para estudantes com Transtorno do Espectro Autista: estratégias pedagógicas, desafios e perspectivas. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 2, p. 1-18, 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KOEGEL, L. K.; ABRAMS, D. A.; TRAN, T. N.; KOEGEL, R. L. Aprimorando a comunicação social em adolescentes autistas por meio da colaboração entre clínica, família e escola. **Revista de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**, p. 1-14,

2024.

NASCIMENTO, A. P. do; SILVA, R. I. P. da; COUTINHO, D. J. G. Autismo e educação infantil: estratégias pedagógicas para a promoção da inclusão e desenvolvimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 9, p. 774-788, 2025.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.